

## OS ASPECTOS ESTILÍSTICOS NO USO DAS CONJUNÇÕES

Charleston de Carvalho Chaves (Doutorando em Língua Portuguesa, UERJ)

charlestonchaves@ig.com.br

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é avaliar estilisticamente o uso das conjunções em discursos, sobretudo, literários. A escolha por textos desse gênero se dá por conta do reconhecimento de que o estilo, embora se manifeste em qualquer gênero textual, certamente fica mais evidente no literário. E a valorização das conjunções é importante, porque é uma das marcas discursivas que demonstra sentido e que, por isso, reflete o estilo do autor. Não podemos pensar em manifestações linguísticas sem imaginar a função nos discursos. Por isso, a noção de uso deve ser levada em consideração quando se pensa em avaliação dos valores das conjunções e suas aplicações nos discursos. Isso implica dizer que esses conectivos não terão sempre funções pré-determinadas e muito menos que seus valores são imutáveis. Analisar sob essa perspectiva é importante para nos darmos conta de que a língua está em constante mutabilidade e que os conectivos que acompanham tal mudança possam ser analisados por esse prisma.

**Palavras-chave:** estilística, texto, léxico, conjunção, semântica.

A Estilística pode ser avaliada da seguinte forma: a maneira como o homem deixa suas marcas de personalidade no discurso. O estilo, então, é resultado das escolhas individuais que a *langue* propicia. Saussure, em seus estudos, objetivou avaliar apenas os aspectos linguísticos relativos à *langue*, porque a noção de sistema era o que

interessava em sua análise de descrição, uma vez que a *parole* era múltipla, e, justamente por se multifacetada, dava margem a interpretações diversas. O uso – campo da *parole* – é a base para avaliar o estilo e, com isso, Charles Bally, seu discípulo, viu neste aspecto não abordado por Saussure um campo vasto a ser explorado. O uso faz parte das escolhas do indivíduo e propicia uma enorme gama de funções a serem observadas a fim de perceber o estilo.

Outro ponto importante a ser ressaltado é que como o estilo é justamente resultado da expressividade da linguagem, isso anula o princípio da arbitrariedade do signo defendido por Saussure. Quem questiona o princípio da arbitrariedade é Mattoso Câmara Jr. (1977, pp. 17-18):

Aqui, ainda estamos, a bem dizer, numa zona de fronteira em referência à linguagem humana plenamente elaborada. Se a manifestação e o apelo são, entretanto, funções normais dessa linguagem, é fácil perceber que a carga expressiva, estendendo-se a todos os elementos linguísticos, forceja por anular o princípio da arbitrariedade, sob cuja égide eles se constituíram.

Isso é uma demonstração de como o signo linguístico é motivado e não arbitrário, quando se pensa em estilo; ainda mais pensando que, estilisticamente, a linguagem se manifesta por conta do caráter expressivo de quem se manifesta, por isso há uma intenção em se dizer algo, além de que o aspecto comunicativo só existe pensando no outro, ou seja, no receptor, item primordial no quesito interação comunicativa, daí ser resultado das manifestações do apelo. Por isso, Mattoso Câmara Jr. fala em carga expressiva, já que nenhum discurso é isento e os elementos linguísticos exteriorizam tal fator de não isenção. Caso o texto seja literário, essa motivação do signo torna-se ainda mais evidente, porque a seleção lexical, a organização sintática do discurso, o objetivo

de produzir estranhamento, criatividade, inovação, por meio da linguagem, tornam-se mais expressivos.

O estudo dos conectivos (primordialmente conjunções) tendo como referência uma análise estilística materializa as escolhas lexicais, reforçando essa motivação do signo linguístico e, por isso, evidenciando o estilo como marca discursiva.

Alguns textos literários serão utilizados para análise dos recursos estilísticos das conjunções neste artigo e o gênero que escolhemos é a poesia. O primeiro texto que segue para avaliação é um de João Cabral de Melo Neto:

#### Tecendo a manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.

De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito de um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,  
se erguendo tenda, onde entrem todos,  
se entretendendo para todos, no toldo  
(a manhã) que plana livre de armação.  
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

(João Cabral de Melo Neto – in: *A Educação pela Pedra*)

No conhecido texto de João Cabral, o autor faz uso do polissíndeto com a conjunção *e*, aditiva, a fim de estilisticamente promover um aspecto semântico interessante no texto: o encadeamento das ações dos galos para conseguir refletir o valor de união entre os cantares dos animais. Logo de início, Cabral usa o adjetivo “sozinho” para que se justifique mais à frente a necessidade de união com os outros galos: “um galo sozinho não tece a manhã”. É importante notar que o verbo “tecer” também é essencial na estratégia de elaboração estilística do texto, conferindo a necessidade de união por meio de um tecido textual que é argamassado pelo uso da conjunção *e*, que, pouco a pouco, une os galos. No texto, quando se menciona o trecho “para que a manhã, desde uma teia tênue,/ se vá tecendo entre todos os galos”, pode – se notar que a teia que os une pela ideia veiculada é o canto, mas estilisticamente em sua estratégia construtiva é o conectivo.

Nota-se, então, que a escolha da conjunção *e* era necessária para o propósito estilístico-discursivo e é com ela, associada a outros recursos, que se constrói a ideia do texto. A propósito deste conectivo, seu uso em polissíndeto certamente é o que reforça seu valor aditivo, tão necessário ao contexto.

Outro texto que merece atenção especial na avaliação deste conectivo é “O mundo é grande” de Drummond.

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe  
nesta janela sobre o mar.

O mar é grande e cabe  
na cama e no colchão de amar.  
O amor é grande e cabe  
no breve espaço de beijar.

(Carlos Drummond de Andrade – in: *Declaração de Amor*)

Há usos distintos dessa conjunção que revelam um valor estilístico importante na composição da ideia central. A utilização principal é o *e* repetidamente com valor adversativo em contraposição ao seu uso prototípico aditivo que ocorre apenas em uma ocasião unindo os sintagmas “na cama e no colchão”. Mas é o valor opositor que ganha relevo no contexto, uma vez que, com esse uso estratégico, Drummond cria um recurso paradoxal interessante para demonstrar as contradições do amor e reforçar que, mesmo sendo grande, o amor cabe (pode ser expresso) em pequenos atos: “O amor é grande / e cabe no breve espaço de beijar”.

Enquanto no texto de João Cabral prevalece o encadeamento como estratégia sintática, em Drummond predomina a oposição como base discursiva a partir também da referida conjunção. Isso demonstra que os propósitos discursivos fazem com que o autor selecione e manipule a língua com suas próprias intenções. O sistema está lá, mas o uso é individualizante e, por consequência, estilístico. É bem verdade que não é apenas isso que caracteriza a maneira peculiar de cada um escrever, mas tomando o estilo como algo pessoal, a manifestação estilística já apresenta, por si só, importância.

Em “Arte de amar”, Manuel Bandeira também revela empregos interessantes das conjunções:

Arte de amar

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.

Só em Deus ela pode encontrar satisfação.

Não noutra alma.

Só em Deus – ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

(Manuel Bandeira – in: *Estrela da Vida Inteira*)

Todo o texto é “costurado” com as conjunções de modo a sustentar a base argumentativa valorizada no texto. O poema deseja sustentar a tese de que a “arte de amar” não se constrói no amor espiritual entre os indivíduos, pois esse só encontraria plenitude em Deus; dessa maneira, a defesa argumentativa orienta que, como “as almas são incomunicáveis”, devemos deixar que o corpo entenda-se com outro corpo, como única e adequada “Arte de amar” (“Deixa teu corpo entender-se com outro corpo”).

O mais interessante é que, para defender essa tese, o principal uso gramatical é a presença de conectivos com valores variados que são estrategicamente empregados de modo que se constituam, estilisticamente, relevantes. De início, no verso “Se queres sentir a felicidade de amar, esquece tua alma”, já há a afirmação – base a ser defendida ao longo do texto e ela se constitui inicialmente com uma conjunção cujo valor estabelece a condição para que se compreenda a arte de amar e se alcance a felicidade, reforçada, é bem verdade, pelo uso do imperativo (“esquece”) que visa reforçar o convencimento. Seguindo essa linha de convencimento com o excludente “só”

associado ao uso da conjunção alternativa *ou*, o argumento se sustenta para evidenciar que o amor dos indivíduos é o dos corpos, porque o amor das almas se destinaria a Deus ou seria algo que se desconhece neste mundo (“Só em Deus – ou fora do mundo”). E para produzir uma espécie de conclusão que reafirme a tese defendida no verso final faz-se uso do explicativo *porque* e do adversativo *mas*; o primeiro reafirmando o entendimento dos corpos e o segundo a incompreensão e a incomunicabilidade das almas: “ Porque os corpos se entendem, mas as almas não”. Nota-se assim o que se vem discutindo neste texto: as conjunções representam marcas importantes que revelam o estilo do autor.

Outro texto que merece destaque é “Retrato” de Cecília Meireles:

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,  
assim calmo, assim triste, assim magro,  
nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo.  
Eu não tinha estas mãos sem força,  
tão paradas e frias e mortas;  
eu não tinha este coração que nem se mostra.  
Eu não dei por esta mudança,  
tão simples, tão certa, tão fácil:  
Em que espelho ficou perdida a minha face?

(Cecília Meireles – in: *Viagem, Vaga Música*)

Nesse texto, a base estilística para produzir o efeito de sentido desejado é a *reiteração* com itens gramaticais diferentes, basicamente advérbios e conjunções, ambos funcionando como encadeadores textuais. Nenhum estranhamento nisso, já que a maioria das conjunções em língua portuguesa se gramaticalizaram a partir dos advérbios

latinos. Isso explica como muitas conjunções hoje chegaram a essa categoria gramatical de conectivo, possuindo função mais textual. Fenômeno justifica como vários advérbios vieram preencher a lacuna deixada pela ausência quase que total de conjunções latinas que passaram para a língua portuguesa. Na falta delas, houve evolução de advérbios a essa categoria para exercer tal função conectiva. Said Ali (2001, p. 166: §1098-1100) não só cita as poucas conjunções latinas que passaram para a língua portuguesa como menciona o advérbio como o vocábulo que preencheu essa lacuna deixada pelas conjunções:

Obscura é a origem de certas conjunções latinas; porém, a julgar por aquelas cujo histórico se conhece, a linguagem não teria criado vocábulos especiais para constituir a nova categoria. Serviram a este fim advérbios que, de modestos determinantes de um conceito único, se usaram como determinantes de toda uma sentença.

Da respeitável série de conjunções que faziam parte do idioma latino muito poucas passaram às línguas românicas. Em português existem *e (et)*, *ou (aut)*, *nem (nec)*, *quando*, *se (si)*, *como* (tem o sentido de *quum* e de *quomodo*, posto que pelas leis da fonética só se filie ao segundo desses vocábulos) e *que*, usada no latim vulgar. A substituição de *sed*, *autem*, por *mais* (depois *mas*), do advérbio *ma(g)is*, data do período pré-lusitano. (...)

A falta das demais partículas supre-se nas criações novas, isto é, advérbios, que se adaptaram ao papel de conjunção, assim como amplo emprego de *que*, simples ou combinado com preposições e com advérbios ou locuções de caráter adverbial (...)

No texto avaliado, os empregos mais relevantes foram dos termos *assim*, *tão* e *e*. O primeiro reforça o caráter descritivo na caracterização inicial do rosto (“assim calmo, assim triste, assim magro”), possibilitando reconhecer que o valor modal era importante ser reiterado a fim de deixar claro que a decadência não era apenas física (“magro”) mas também psicológica, a partir do uso também de adjetivos “calmo” (certa passividade / apatia) e “triste”. Com a repetição do *e* em “tão paradas e frias e mortas” o autor utiliza o recurso da gradação descendente em consonância com os adjetivos “paradas”, “frias”,

“mortas” para dar mais valor à degradação/debilidade em que se encontra. Além desse fator, a repetição do intensificador *tão* em “tão simples, tão certa, tão fácil” só deixa mais evidente ainda que a reiteração foi estratégia estilística com grande relevância, haja vista a ideia defendida da não percepção das mudanças por que passou. Só percebeu *hoje*, embora elas fossem inevitáveis – “simples”, “certa”, “fácil” – e intensificadas pela repetição do advérbio, recurso estilisticamente importante. Itens lexicais deixam visíveis que estilo é, sobretudo, seleção lexical adequada, que possibilita o reconhecimento dos valores apresentados em um texto. Os conectivos contribuem sobremaneira para que isso ocorra, por serem marcas discursivas que evidenciam o sentido textual.

Isso fica ainda mais evidente com as seleções lexicais feitas no poema “Mar Português” de Fernando Pessoa:

Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

(Fernando Pessoa – in: *Mensagem*)

Como o propósito é deixar claro que a obstinação dos portugueses era conquistar o mar a partir das *grandes navegações* (ideia central do texto) as consequências, mesmo esperadas, não diminuíram em nada a importância do feito, pelo contrário, só valorizaram. E, para evidenciar isso, a defesa argumentativa que se entrecruza com fatos narrados pauta-se no uso das conjunções como as marcas discursivas que direcionam o leitor. Notam-se três valores essenciais no poema para construção desse sentido: finalidade, condição e oposição.

Em relação à finalidade (“Para que fosses nosso, ó mar”), isso é o que sustenta a tese defendida no texto e orientada pelo uso da locução conjuntiva “para que”. Uma vez que o objetivo histórico era conquistar o mar, houve vários efeitos para isso ser alcançado. Isso é corroborado pela relação causa-efeito, orientada não por uma conjunção, mas pela preposição *por*, que representa a causa na linha argumentativa (“Por te cruzarmos, quantas mães choraram, / Quantos filhos em vão rezaram! / Quantas noivas ficaram por casar). Entretanto, dentro da proposta estilística do autor, a fim de deixar clara a defesa da tese, questiona se tudo teria valido a pena e logo após responde: “Valeu a pena? Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena”. Nota-se que o artifício discursivo é baseado na conjunção *se* de valor condicional ao criar uma sensação de hipótese, indispensável, nesse contexto, para se conseguir algo (não ter alma pequena – ser ao contrário disso ambicioso / corajoso / destemido), pois o objetivo a ser alcançado era grandioso e, mesmo que doloroso (“Quem quer passar além do Bojador / Tem que passar além da dor”), valia o sacrifício. Assim, ao final do texto, na passagem “Deus ao mar o perigo e o abismo deu, / mas nele é que espelhou o céu”, Pessoa confirma a tese

fazendo uma metáfora sobre o mar e diz que, embora ele represente o “perigo e o abismo”, nele é que Deus “espelhou o céu”. Por isso, faz uso do contra argumentativo *mas* para demonstrar que o mar também possui aspecto positivo, já que representa o céu – fator positivo que faz os portugueses verem que é possível alcançar grandes feitos.

## CONCLUSÃO

Tudo isso quer mostrar que o *estilo* está mesmo relacionado aos elementos discursivos que produzem efeitos de sentido diferentes do esperado. E, como os discursos não são isentos, isso perpassa também as escolhas lexicais, por isso os elementos conectores constituem um dos aspectos que pode gerar efeitos semânticos interessantes por produzirem – em associação a outros aspectos gramaticais – valores que demonstram a criatividade do autor e, dessa forma, revelam seu estilo.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to evaluate the use of conjunctions stylistically in speeches, particularly literary. The choice of texts of this kind takes place due to the recognition that the style, although there appears in any genre, certainly in the literature, it becomes more evident. And the appreciation of the conjunctions is important because it marks a discursive sense and demonstrates that, therefore, reflects the author's style. We can think of without imagining the linguistic function in speeches. Therefore, the notion of use should be taken into consideration when thinking about assessment of the values of the conjunctions and their applications in speeches. This implies that these connectives have not always predetermined functions, much less that their values are immutable. Analyze this perspective is important for us to realize that language is in

constant mutability and the connectives that accompany such a change can be analyzed by this point of view.

**Keywords:** stylistics, text, lexicon, conjunction, semantics.

## REFERÊNCIAS

ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: Melhoramentos-UNB, 2001.

BEIVIDAS, Waldir. *Estilo e subjetividade*: Capítulo de tese de Doutorado, 1992. Publicado como artigo na revista *Psicologia & Psicanálise* nº 5, Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia da UFRJ, 1994, pp. 79-90.

CÂMARA Jr, J. Mattoso. *Contribuição à Estilística Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1977.

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. *A concepção do autor em Bakhtin, Barthes e Foucault*: Capítulo de tese de Doutorado, UFPB, 2008.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Portugal: Passagens, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 30 ed. Cultrix. São Paulo: Cultrix, 2008.